



MINISTÉRIO ATALAIA
DO EVANGELHO DE DEUS



Eu, o deserto e DEUS

Um testemunho de Fé



Ana Zimbrão



Eu, o deserto e
DEUS
Um testemunho de Fé

Ana Zimbrão

Eu, o deserto e
DEUS
Um testemunho de Fé



Rio de Janeiro
2019



A AUTORA responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente da violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declara, sob as penas da Lei, ser de sua única e exclusiva autoria.

Eu o deserto e Deus: um testemunho de fé
Copyright © 2019, Ana Zimbrão
Todos os direitos são reservados no Brasil.

PoD Editora

Rua Imperatriz Leopoldina, 8 - sala 1110
Centro – Rio de Janeiro - 20060-030
Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Capa

Rafael Telles

Diagramação:

Thiago Souto

Impressão e Acabamento:

PoD Editora

Revisão:

Edna Solange

Foto Capa:

www.pixabay.com

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização da autora.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Z66e

Zimbrão, Ana

Eu, o deserto e Deus: um testemunho de fé / Ana Zimbrão. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: PoD, 2019.

164 p. ; 21cm
inclui índice

ISBN 978-85-8225-229-1

1. Zimbrão, Ana. 2. Mulheres - Biografia. 3. Autobiografia. 4. Testemunhos (Cristianismo). I. Título.

19-57268

CDD: 920.72

CDU: 929-055.2

27/05/2019

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB - 7/6644

Dedicatória

Dedico esse livro primeiramente ao meu Deus, autor e consumidor da minha fé, ao meu amado Senhor, minha eterna gratidão. A minha mãe na fé Marlene (em memória) uma mulher sábia que com amor e carinho me ofereceu seu precioso colo para acalantar minha dor. Aos meus filhos, que atravessaram esse deserto ao meu lado, reconheço que muitas vezes os decepcionei e não fui exatamente a mãe que eles mereciam. Ao meu pastor e amigo, Henrique Lino, que foi meu suporte em cada momento difícil, que me ensinou a importância de obedecer e temer ao Senhor acima de todas as coisas. A cada amiga que estive ao meu lado, compartilhando momentos de tristezas e momentos de alegrias.

Prefácio

O que falar sobre a Ana Zimbrão? Minha ovelha, minha amiga...

Conheço bem a sua história, a sua luta de anos e principalmente conheço a sua obediência e temor ao Senhor. Acompanho, nessa trajetória, as suas lágrimas, os seus sorrisos e a sua força em prosseguir.

Eu sugeri que ela escrevesse o seu testemunho e o publicasse em formato de livro, antes mesmo da promessa se cumprir em sua vida. Isso porque o que ela tem para testemunhar é precioso, é verdadeiro e serve para nos ensinar, e acima de tudo, para fortalecer a nossa fé. A partir de seus relatos, observamos as nossas lutas e entendemos o quanto somos privilegiados, pois, estamos sob o cuidado de um Deus que zela veementemente por sua palavra.

Acompanho há algum tempo a luta desta jovem senhora e não foram poucas às vezes que tive que brigar com ela por telefone para não deixá-la esmorecer, apesar de compreender muito bem o seu sofrimento, mas como o seu pastor a minha função é levantá-la e estar de mãos dadas nessa caminhada...

Encorajando quando é preciso, admoestando quando é necessário e se alegrando no cumprimento da palavra.

Ana, continuamos em frente até a promessa se cumprir. Que Deus te abençoe. Amo-te em Cristo Jesus.

Pastor Henrique Lino

Prefácio

Esta é uma obra bem interessante, narrada nos seus muitos enredos, para ficar marcada na memória da gente, pois não dá para esquecer detalhes tão minuciosos de uma história tão envolvente.

Através de sua narrativa, Ana faz que você perceba sua dor, mas principalmente o que ela aprendeu com tudo o que vivenciou. Ela amadureceu, e nos faz amadurecer também.

São fatos incríveis, narrados de um jeito que nos cativa: Idas e vindas: Um amor que não cessa nem deslancha. O que dizer de um amor assim? Ela viveu tão intensamente esta história que nos conta tudo, e nos faz viver todos os momentos junto com ela. Dá vontade de sacudir seus ombros, e dizer: Você não precisa passar por isso. Esquece esse homem de uma vez por todas.

Ah! Muitas vezes eu quis socar a cara do marido dela. E a da amante também. Quanta falta de caráter em pessoas que se dizem cristãs. A palavra de Deus diz: “Trai-vos, mas não pequeis”, Efésios 4.26. Ainda bem que eu não os conheço, nem tive nenhum contato, pois correria o risco de não respeitar o versículo.

E assim, por todo o livro, sentimento de revolta e compaixão nos impulsionam a continuar a leitura. Ela realmente sabe como contar esta história.

O que viveu, e como viveu vai nortear o comportamento de muitas mulheres. Nós mulheres precisamos perceber o quanto podemos ser manipuladas, se não soubermos valorizar quem somos e quem queremos ser.

Ana Zimbrão é uma mulher forte e destemida que resolveu contar tudo, sem mensurar o quanto sua dor pudesse envolver outras mulheres, fazendo-nos crescer e combater homens manipuladores e sem misericórdia, que não amadurecem nunca.

Por algumas vezes, cheguei a acreditar que ele a amava, e só estivesse confuso. Em outras ocasiões, achei que fosse peleja espiritual. É tudo muito intenso. Vale à pena conferir esta história.

Situações assim na vida de algumas mulheres são duradouras, mas sei que Deus está no controle. O Senhor está ensinando a nós mulheres a dependermos exclusivamente dele.

Ana é uma desbravadora, porque não usa meias palavras para camuflar o enredo. Ela conta o que sai de sua alma, o que emana de seus sentimentos e nos envolve por inteiro; fazendo-nos participar de toda a história como se fôssemos amigas íntimas.

Boa leitura!

Edna Solange do Nascimento

*Autora dos livros Português Através
da Bíblia – Morfologia e Análise
Sintática, Pod Editora*

Sumário

Dedicatória	5
Prefácio	7
Prefácio	9
Introdução	13
Nossa História.....	17
Nossa Separação	
O início do deserto	29
Primeira tentativa de Reconciliação	38
Segunda tentativa de Reconciliação	41
Terceira tentativa de Reconciliação	44
Nossa Separação	
1º Ano de Deserto.....	55
Quarta tentativa de Reconciliação.	57
Quinta tentativa de Reconciliação	61
Nossa Separação	
2º Ano de Deserto.....	77
Sexta tentativa de Reconciliação	78
Sétima tentativa de Reconciliação.....	84
Oitava tentativa de Reconciliação	90
Nossa separação	
3º Ano de Deserto.....	103
Primeira tentativa de aproximação	107

Nossa Separação	
4º Ano de Deserto.....	113
Nossa Separação	
5º Ano de Deserto.....	129
Segunda tentativa de aproximação	136
Nossa Separação	
6º Ano de Deserto.....	151
Nossa Separação	
7º Ano de Deserto.....	157

Introdução

Essa é a minha história e espero que sirva para edificar a sua vida, fortalecer a sua fé e acima de tudo glorificar aquele que é o único responsável pelo milagre em minha vida.

Esse testemunho começou a ser escrito em 04/03/2018, não foi o pastor que me pediu para escrevê-lo, mas eu é que decidi que escreveria depois de refletir muito sobre alguns testemunhos que estamos acostumadas a ler no ministério ou pela internet.

Sei que muitas de nós, quando lemos um testemunho, buscamos na história alguma semelhança com tudo que passamos, mas confesso que, depois de tantos anos no deserto, os testemunhos não mais me edificavam, tudo parecia tão simples, tão fácil, perto de tudo que eu estava passando, dos medos que ainda sentia, do cansaço, do desânimo, a luta com minha fé, nem sempre elevada, então eu pensava: “isso não é para mim”, eu tinha a sensação de que todos que venciam e viam a restauração tinham atravessado o deserto felizes, sem sentir tudo que eu sentia, sem lutar com a mágoa, sem lutar com a dificuldade de perdoar, nessa hora eu pensava: “se depender de mim eu não posso acreditar que meu casamento será restaurado”, e quando eu conheci o pastor foi uma das primeiras coisas que ele me falou: “a sua restauração só depende de você”, que peso para mim era ouvir isso, e me enxergar nua e crua, com meus defeitos, meus medos e fragilidades.

Um dia questionei ao pastor se era assim mesmo, tão fácil para todo o mundo e para mim tão difícil? Nesse dia, ele me falou que se decepcionava ao ler a maioria dos testemunhos que chegava até ele, era como se as pessoas quisessem mostrar uma espiritualidade que não tinham; uma fé tão forte que parece nunca ter sido abalada.

Outra coisa que me deixava bem decepcionada comigo mesma era o tempo. Ah! quando eu lia alguém dizer que seu longo tempo de deserto foi capaz de transformá-la 100%, fez com que ela amadurecesse e até salvasse toda a sua casa; mas o longo tempo a que se referia tinha sido apenas três meses. Então, nessas horas, eu realmente me questionava como eu podia ser tão ruim.

Seis anos depois eu ainda tinha dúvidas, eu ainda tinha medos, não dúvidas sobre a verdade do casamento, mas dúvidas se Deus queria restaurar o meu casamento, não dúvidas de que ele fosse capaz, mas se o que eu buscava realmente seria o melhor para mim, eu pensava como eu estava sendo devagar para aprender.

Eu conseguia me alegrar ao ler um testemunho, por ser menos uma família nas mãos do inimigo, mas olhava para mim e pensava, e eu, Deus? Quando chegará minha vez? Nesse tempo eu já tinha mais de seis anos esperando pela restauração, e já era raro ver algum testemunho de alguém com a metade desse tempo, então eu me perguntava se meu tempo tinha passado e eu tinha perdido a chance, perguntava a Deus se ele ainda iria restaurar meu casamento depois de tanto tempo.

Um dia, li um testemunho de mais de quatro anos, e, apesar da pessoa ser pouco detalhista, lembro-me de que o tempo me deu um novo gás e então eu liguei para o pastor para perguntar se era aquilo mesmo, se a pessoa era realmente sua ovelha e acompanhada por ele, e se o testemunho era verdadeiro. Então ele me falou que sim, mas como as outras ela havia sido muito sucinta, que não havia relatado tudo pelo que havia passado, que estava preocupada em curtir o marido. Lembro-me de que suspirei, e disse que ela estava certa, e depois eu fiquei pensando como deve ser difícil escrever um testemunho real depois que o seu esposo estiver de volta em casa, e embora o pastor tenha pensando na falta de tempo por estar, como ele sempre diz “andando muito de bicicleta”, eu me peguei pensando em como seria doloroso para eu ter que relembra toda a dor pela qual passei, toda a humilhação sofrida, com meu esposo de volta, tentando recomeçar, por isso eu entendo porque muitas ovelhas são tão sucintas em seus testemunhos, e eu decidi que não quero ser sucinta, mas falar de tudo que vivi é como mexer em um baú de lembranças muito dolorosas; você pode perdoar, mas nunca vai de fato esquecer, apagar de sua memória por completo, acho que não, então a saída é não pensar no que passou, não lembrar, para que seja possível um recomeço.

E quando tudo isso tiver passado, e quando o Senhor me permitir ter um esposo para amar e ser amada, com certeza vou preferir usar o meu tempo para viver intensamente esse momento, vou curtir

acordar e olhar para o lado e ver meu esposo comigo, e, sim, com certeza, eu estarei andando muito de bicicleta, viu pastor?!

Talvez você esteja pensando..., mas por que escrever? Você sente que seu deserto está acabando? Você acha que seu casamento vai ser restaurado em breve? O pastor lhe falou alguma coisa? Na verdade, se eu olhar para as circunstâncias, elas nunca foram tão desfavoráveis com relação a restauração, mas independentemente do que vejo, ou acabo sabendo, mesmo que não busque nenhuma informação, os meus olhos e a minha fé estão em Cristo Jesus e na sua palavra, e eu creio que no tempo certo, no tempo Dele, Ele irá concluir tudo o que começou em minha vida; e é exatamente por isso, por tudo o que já fez em mim que Ele é plenamente digno de louvor, sim: meu deserto está no fim eu creio, não porque meu esposo esteja voltando, talvez o deserto dele esteja só começando, mas eu creio que o meu está, sim, terminando, e é por gratidão que comecei a escrever tudo que vivi, e isso tem me feito bem, tem me permitido enxergar o tamanho do amor e da misericórdia de Deus para com minha vida.

Nossa História

Vou começar contando um pouquinho de como eu e meu esposo nos conhecemos. A gente se conheceu ainda na pré-adolescência, estávamos no sexto ano do ensino fundamental, foi nesse ano que meu esposo me escreveu a primeira cartinha de amor que eu receberia de um menino, tínhamos (acho) 13 anos na época. Bem... o flerte não foi em frente.

No ano seguinte ele saiu da escola, mas me lembro de que ele aparecia no portão do colégio com sua bicicleta e eu me dirigia até o portão para conversarmos, mas, nesse ano, eu comecei meu primeiro namoro de adolescência e um certo dia ele apareceu no portão com sua bicicleta, então me viu com meu namoradinho, acho que ele deveria ir à escola só para me ver mesmo, embora nunca tivesse admitido isso, depois desse dia nunca mais voltou lá, vez ou outra a gente se esbarrava pela cidade, coisa de cidade pequena.

Sempre houve uma situação mal resolvida entre a gente, uma brasa que queimava, mas não virava fogo, lembro-me de tê-lo convidado para a minha festa de 15 anos e de ter aguardado por ele a festa toda, na esperança de que ele apareceria, e que finalmente iríamos ficar juntos, mas ele não foi.

Vida seguiu e tomamos caminhos diferentes, ele com 17 anos, depois de ter sido coroinha de padre, foi evangelizado em seu serviço e aceitou a Jesus, e eu, bem... eu era a rebeldia em pessoa, bebia feito uma louca a ponto de ter apelido de esponjinha, família espírita e sem o menor conhecimento da verdade, aos 17 anos me vi grávida de um relacionamento que nem mesmo poderia ser classificado como namoro, e fui abandonada e assumi meu filho sozinha, meu filho foi um choque de realidade no estilo de vida que eu estava levando.

Um dia, no meu trabalho, uma amiga, vendo que eu não me relacionava com ninguém desde que engravidei do meu filho, e que não saía, não fazia mais nada, além de trabalhar, cuidar do meu filho e carregar um imenso vazio em meu peito, convidou-me para acompanhá-la até um bar, onde o seu noivo estava com um amigo que fazia aniversário.

Esse dia era 29/11/1995, chegando ao bar, o amigo era o meu futuro esposo, foi uma situação bem engraçada, pois nossos amigos estavam armando para nos apresentar, sendo que a gente já se conhecia, inclusive o nosso último encontro não havia sido muito amistoso, pois meu esposo depois de começar a caminhar na igreja passou por algumas dificuldades financeiras e, não suportando a pressão da mãe, saiu de nossa cidade e foi morar com o pai na cidade vizinha, lá ele havia se afastado completamente dos caminhos de Deus, chegando até ao ponto de experimentar drogas, mas caiu em si e resolveu voltar para a casa da mãe em nossa cidade, e nos vimos no dia em que ele retornava (eu estava grávida de sete meses), lembro-me daquele dia como se fosse hoje, como ele me olhou, seu olhar tinha um misto de tristeza e decepção; então ele me perguntou se eu havia casado (lembra que eu falei que era bem rebelde?), então, minha resposta foi em um tom bem arrogante. Eu respondi com outra pergunta: Desde quando para se estar grávida precisa casar? Ele não deixou por menos e falou que sabia que não era necessário casar, pois sua namorada também estava grávida, mas ele falou isso só para não ficar por baixo, afinal entre nós sempre houve um pouco de disputa, desde o tempo do colégio, onde disputávamos quem seria o melhor aluno da sala, mas é claro que, ao reencontrá-lo em uma situação na qual eu estava sendo levada para conhecê-lo, naquele momento, eu pensei que ele era só mais um canalha que havia engravidado a namorada e pulado fora, ele levou um tempo para me convencer de que nunca houve uma namorada grávida.

Os próximos três meses, depois desse encontro, foi muito engraçado, pois nossos amigos fizeram de tudo até conseguirem nos unir, entregavam recados que ele não tinha mandado e levavam recados para ele que eu não tinha enviado. O noivo da minha amiga, sempre que ia até a loja em que trabalhávamos para vê-la, estava com meu esposo a tiracolo, e foi assim durante três meses, quando, finalmente, marcamos um encontro em que ninguém deu bolo em ninguém, porque já havíamos marcado outros encontros nos quais um ou outro não foi.

Dia 28/01/96 foi nosso primeiro encontro, a primeira vez que nos beijamos e, menos de onze meses depois, no dia 15/12/96 iniciávamos nossa vida de “casados”, não nos casamos de fato, embora

ele tenha me pedido em casamento em nosso primeiro dia dos namorados, naquele momento achei melhor a gente só morar junto por cinco anos e, se desse certo, a gente se casaria.

E, coincidência ou não, a verdade é que, em 2001, no ano em que completariamos cinco anos que morávamos juntos, foi que nos casamos, mas nesse tempo muita coisa aconteceu.

Eu, que era espírita, comecei, pela primeira vez na vida, a ouvir falar de um Jesus Salvador, não apenas do menino Jesus, filho de Maria. Tivemos altos conflitos nesse tempo, ele tentava me falar de uma fé que fazia com que seus olhos brilhassem, ele mostrava verdadeira paixão, mas não vivia, e isso era bem confuso para mim, pois nossa realidade nessa época era de muita bebedeira, ele sabia a verdade, mas vivia como se não a conhecesse.

Um dia, estávamos no bar como fazíamos quase todo o fim de tarde, mas eu já estava muito bêbada, e comecei a sentir vergonha de mim, do meu estado, pensava em quantas vezes eu tinha criticando meu pai por ser alcoólatra, e agora, olha para mim? Eu estava indo para o mesmo buraco. Então, eu entrei no banheiro do boteco em que estávamos, e, no vigor de toda a minha arrogância juvenil, tinha na época 21 anos, eu falei para Deus, eu me dirigi a Deus como o “Deus dos crentes” como meu marido insistia em afirmar, pois como espírita eu acreditava no lema “todos os caminhos levam a Deus”, e que todas as religiões tinham o mesmo Deus, apenas chamávamos por nomes diferentes, e meu esposo dizia “não, o Deus dos crentes é diferente, o Deus dos crentes é poderoso”. Então, com isso em mente, eu me dirigi ao “Deus dos crentes” pela primeira vez, e falei que estava dando a ele a chance de me mostrar que ele era real, e pedi que eu saísse daquele banheiro totalmente sóbria, pois em uma sessão espírita estava acostumada ao espírito incorporar, e eu beber todas e não ficar de fogo, e é tudo muito instantâneo, acho que eu pensei que Deus faria o mesmo, então assim que eu saí do banheiro, e percebi que ainda estava totalmente bêbada, eu pensei comigo: “nunca mais o meu marido vai me encher os ouvidos com essa história de Deus dos crentes”, mas a cada passo que eu dava eu sentia o milagre acontecer, a medida que eu caminhava, a cabeça parava de rodar, a língua que estava completamente adormecida, por causa do álcool, voltava a ter sensibilidade e assim o milagre foi acontecendo passo a

passo, até que, quando eu me senti novamente, eu estava completamente sóbria, e ninguém ali naquele momento soube ou percebeu, pois todos estavam bêbados, e eu não queria mais ficar ali, eu queria sair dali, eu queria contar para o meu marido que agora eu acreditava que o “Deus dos crentes” existia, por que ele tinha se revelado a mim, através de uma experiência sobrenatural.

A partir daquele dia, minha vida desmoronou, foi exatamente isso o que aconteceu, quando em êxtase pela experiência vivida, relatei ao meu esposo o desejo de seguir e de conhecer o verdadeiro Deus, o Deus dos crentes que ele tanto me falava, tanto insistia para que eu me entregasse a Ele; inclusive, às vezes, ele me levava ao culto contra minha vontade, me enganando, dizendo que iríamos ao cinema, mas, quando eu quis caminhar, então ele mandou que eu pedisse a companhia da minha sogra; porém a gente nunca se deu muito bem (minha sogra e eu), no entanto não era isso que eu queria: ir a igreja com minha sogra. Orientada por meu esposo, deixei o espiritismo; abandonei a umbanda, crença que tinha desde o nascimento, o que gerou muita revolta em meus familiares, mas não consegui seguir na igreja, não tive forças de caminhar sozinha, porém não sentia mais o mesmo prazer de estar nos bares junto do meu marido, pois a experiência que eu havia tido com Deus me incomodava, e com isso começou a existir o que até então nunca houve entre nós: “distância”, por mais que ele me criticasse por ser espírita, ele também não era cristão, então, no fim, estávamos os dois perdidos, só que perdidos, porém próximos, mas depois disso nos distanciamos, eu comecei a me sentir sozinha e carente.

No ano seguinte, eu com vinte e dois anos, enfrentando o distanciamento do meu marido, acabei me envolvendo emocionalmente e, por fim, sexualmente, com outra pessoa, um homem casado, quando meu esposo desconfiou, eu admiti está interessada por outra pessoa, a gente quase se separou e ambos sofremos muito, e pouco tempo depois nos reconciliamos e, finalmente, começamos a caminhar juntos na igreja.

Você pode estar se perguntando por que estou voltando tão longe com meu testemunho. É que, na verdade, foi aqui que meu deserto começou, eu ainda não tinha noção, mas sim foi aqui que toda a minha luta com meu esposo teve início.

07/01/2000, nessa data começamos a caminhar juntos em uma igreja neopentecostal bem famosa, eu estava saindo do espiritismo, então, para mim, tudo era novidade, eu não conhecia nada da Bíblia e não enxergava as heresias que hoje enxergo, mas, com tudo isso e apesar de tudo, eu creio que Deus perdoa o tempo de nossa ignorância nesse sentido, pois foi o tempo mais feliz de nossa vida, ainda nesse ano, engravidamos do nosso filho caçula, e os papeis já estavam correndo para o casamento e, quando finalmente ficaram prontos, eu já estava enorme, então decidimos esperar o nosso filho nascer para marcarmos a data do casamento, nosso filho nasceu no dia 28/03/2001 e nós nos casamos no dia 01/06/2001: tudo estava perfeito, havíamos acabado de quitar nossa casa própria, estávamos fazendo a obra de Deus juntos, lembro-me de que nos reversávamos nos cuidados com as crianças, para evangelizarmos (ou deixávamos eles com minha mãe ou com minha sogra), para que pudéssemos evangelizar juntos, passávamos a tarde toda de domingo evangelizando, e como era bom: meu esposo costumava dizer, após sair de um culto, que se sentia tão leve, era como se pudesse pisar em ovos sem quebrá-los.

Queríamos a obra, queríamos o altar, e meu esposo era altamente cotado para se tornar um pastor, e então eu comecei a desejar ser batizada com o Espírito Santo, e me convenci de que não seria batizada se não confessasse ao meu marido que, lá atrás, no interesse emocional que eu admiti ter dito por outra pessoa a gente tinha se relacionado sexualmente, e foi aqui quando começou a minha ruína.

Na minha cabeça ingênua e na minha total falta de pastoreio, resolvi por conta própria que deveria confessar ao meu esposo que a história tinha ido um pouco mais longe do que eu havia admitido; na verdade, eu queria ter contado tudo, mas a reação dele foi devastadora, eu tive muito medo de que ele fizesse o pior, mas eu pensava, agora é diferente, somos novas criaturas, estamos em Cristo Jesus, e meu esposo vai entender que isso foi coisa da velha Ana, e para mim realmente era, isso não tinha mais o menor valor ou importância, para mim era passado, e eu estava totalmente arrependida de minhas ações.

Só que não foi assim que meu esposo reagiu, e meu mundo caiu novamente, do dia para a noite, aquele homem aparentemente

tão firme em Deus, tão convicto de sua fé, tão pronto para o altar, estava novamente entregue aos vícios e ele passou a me agredir, quase todos os dias chegava em casa bêbado; começava a me ameaçar e dizia que as pessoas estavam zombando e rindo dele. Esse era o motivo para ele me agredir; na época nosso filho caçula tinha apenas seis meses, e ele saiu da igreja de vez; não quis ouvir ninguém, não aceitava conselho, tentou se matar, saiu do emprego que tinha há mais de nove anos; então, passou a ameaçar o cara com quem eu havia me envolvido, sendo que esse envolvimento havia acontecido no ano de 1999, antes da minha conversão, que hoje entendo que ainda não tinha sido realmente a minha conversão, mas foi antes de começar a frequentar a igreja, antes de passar pelo batismo nas águas, antes até de nos casarmos de fato, já que antes vivíamos em pecado de fornicação, mas na cabeça do meu marido não era assim que ele via tudo.

Começou a espalhar que eu o estava traindo dentro da igreja, e passou a odiar tudo que envolvia a fé, lembro-me de que, ainda sem entender a verdade do matrimônio, eu pedia a ele que me deixasse, já que não conseguia me perdoar, mas não deveria abandonar a Cristo, mas ele simplesmente não me ouvia, e eu lutava muito, minha família estava sem entender nada, há poucos meses éramos como um casal de comercial de margarina, e, agora, ele me agredia até na frente das pessoas.

Entre muitas brigas, ele foi embora de nossa cidade; voltando para a cidade de seu pai, deixando-me sozinha com duas crianças pequenas, e estando desempregada, em concordância com ele que eu havia deixado o meu emprego, para me dedicar aos primeiros anos de nosso filho caçula; Ah! eu me via perdida, o pastor de nossa igreja me olhava com maus olhos, e me julgava por ter destruído a vida espiritual do meu esposo; era tanta dor, tanta culpa, que minha reação, quando ele me agredia, era achar que, no fundo, eu merecia aquilo, e foi assim por longos anos.

Dois meses depois de ele mudar de cidade, veio nos buscar; deixei tudo: emprego que eu já havia arrumado, nossa casa própria, minha família e me mudei para uma cidade onde não conhecia ninguém, com um homem afundado em depressão, alcoólatra e agressivo, mas era meu marido, o pai do meu filho, e ele era um ótimo pai, apesar de tudo, era bom para nosso filho e, até isso tudo começar,

era muito bom para o meu primeiro filho também, considerando-o realmente como seu filho, afinal, quando começamos a namorar meu primogênito tinha somente cinco meses de vida, mas, depois disso, ele passou a ser cruel até com meu primeiro filho, mas era minha família, e eu não a queria perder; eu tinha me casado, e não podia me separar. No dia em que me mudei, minha mãe chorava muito e me pedia para ficar; ela dizia que ele iria me matar em uma cidade onde eu não tinha ninguém para me socorrer, mas lembro-me de que eu falei com ela que eu não podia deixar meu esposo e que meu Deus iria transformá-lo.

Minha esperança era que, em uma nova cidade, ele retornasse para os caminhos de Deus, mas tudo que ele fazia era, raramente, aceitar um convite e comparecer, vez ou outra, comigo na igreja; não se firmava em Deus, não se posicionava.

Depois de três anos, consegui dar fim as agressões físicas, foi necessário que eu saísse de casa, passei três meses em uma casa alugada; foi um tempo de muito sofrimento, principalmente para o nosso filho que tinha febres emocionais altíssimas. Ao nos reconciliarmos, deixei claro que não seria novamente agredida e que, se assim ele fizesse, eu chamaria a polícia, isso foi um choque para ele, pois eu estava apanhando calada há três anos, não é que ele me espancasse realmente, embora não deixe de ser agressão, eram empurrões, às vezes segurava meu braço com tanta força que eu ficava roxa, às vezes ele me chutava, mas ainda pior que tudo isso era a agressão verbal, meu esposo me chamava das piores coisas e na frente das crianças.

Eu sempre gosto da analogia que compara a mulher com uma flor, quanto mais cuidada e regada ela for mais bonita ela se torna, porém o oposto também é verdade, e eu, bem... eu não tinha o menor cuidado, eu estava morrendo aos poucos, eu estava obesa, depressiva, sem amigos, sem fé, perdida, havia me tornado extremamente arrogante e autoritária.

E assim eu ia murchando... murchando com o passar dos anos... a fé diminuindo, a esperança acabando, por um tempo a cada virada de ano ele me prometia que iria voltar para os caminhos de Deus; No começo eu me alegrava e me enchia de esperança, mas logo em seguida as promessas caíam no esquecimento e ele continuava na sua vida de bares, não tínhamos vida social juntos, não tínhamos

amigos em comum; na verdade eu não tinha amigos. Eu vivia trabalho casa e igreja, mas na igreja onde eu estava, era cada um por si, e todos pela igreja. A cada seis meses vinha um pastor novo. Eu tentava continuar com o sonho de servir a Deus, mas fui rejeitada duas vezes para ser obreira; e eu ficava mal, meu marido parecia rir, era doloroso. O fato de não ser consagrada a obreira não era por mim, mas por ele ser alcoólatra e ex-membro daquela igreja. Minha vida se resumia em fracassos.

Não é que nesse tempo eu não tenha vivido bons momentos com meu esposo, claro que sim; a gente passava o final de semana bem, pois meu esposo podia chegar bêbado em casa, mas ele não bebia e nem fumava na frente das crianças; então nos finais de semana, era um tempo de alívio; porém as saídas do trabalho, especialmente às sextas feiras, eram sempre um tormento, e, às vezes, ele ainda bebia em outros dias das semana. Algumas coisas, entretanto, compensavam: ele era bom para as crianças, ele era muito engraçado, era muito responsável com as contas da casa, embora eu o ajudasse muito também. Além disso, tínhamos uma vida sexual saudável, pois, quando não estava bêbado, ele era carinhoso comigo, e nesse tempo eu pensava que ele podia mudar. Tudo que eu queria era que ele voltasse para a igreja, mas o que eu não entendia era que ele precisava ver Cristo em mim e isso ele não via. Eu queria tanto que ele mudasse, todavia eu não enxergava que eu também precisava mudar: eu havia trocado de religião, mas Deus esperava que eu trocasse de caráter.

Hoje entendo que a gente pode ter uma experiência tremenda e sobrenatural com Deus, como eu tive, mas isso não significa nada, pois ainda que você abandone completamente o espiritismo ou qualquer outra religião e mergulhe de cabeça no mundo evangélico, ainda sim, isso não significa nada se não mudarmos nosso caráter.

Quando eu ia até o pastor reclamar de meu esposo, eu praticamente ouvia o que eu queria ouvir: que eu deveria me separar dele ou fazer uma fogueira santa para ele mudar; então eu fazia a fogueira santa, porque embora o meu casamento fosse ruim, eu amava o meu casamento, eu amava ser casada, eu amava ter uma estrutura chamada lar, mesmo que estivesse, e estava tudo fora do lugar, o “macho” da casa era eu, era eu quem mandava, quem resolvia tudo. Minha relação com meu esposo tinha mudado completamente de propósito

(para vocês terem uma noção: o meu esposo só me chamava de mãe); hoje eu vejo que era isso mesmo, eu havia me tornado a mãe, aquela que lava, passa, cozinha e dá bronca nos filhos.

Em 2009, eu já estava muito fria na fé, já não buscava servir como antes, já estava cansada de contar a minha vida a cada seis meses para um pastor diferente, e, na verdade, de ouvir que tudo se resumia a um voto para que tudo mudasse. Comecei a mudar meu foco, afinal de contas meu casamento parecia mesmo que nunca iria mudar, eu nunca teria a oportunidade de trabalhar na obra de Deus. Quanta tolice! Hoje eu sei que fazer a obra para o Reino de Deus se começa em casa. Hoje eu sei que ainda não tinha me convertido de verdade, eu tinha sido catequizada. Nesse ano, eu comecei a me desfocar de família, de casamento e fui pensar na minha vida profissional: entrei para a faculdade, sem ao menos consultar o meu marido sobre tal decisão.

Agora minha vida tinha outro foco, minha faculdade, eu não tinha mais tempo para a família, não tinha tempo para ele, estava sempre atolada e cansada; às vezes ficava o final de semana inteiro na frente do nosso único computador; fazendo trabalhos de faculdade, sendo que, antes de começar a faculdade, nossa diversão favorita era jogarmos os quatro no computador, agora eles precisavam arrumar o que fazer, porque eu tinha que estudar, e essa foi só uma das brechas que eu dei para a mulher adúltera entrar na história.

Eu gorda, chata e estressada, então... satanás não brinca em serviço, logo arrumou uma menininha de 22 anos para encantar meu esposo. A jovem em questão era experiente na prática da sedução, e já tinha sido amante de outros homens, antes do meu marido, e isso serviu de experiência para saber exatamente como enfeitiçar o meu esposo. A palavra de Deus diz que os lábios da mulher adúltera destilam favos de mel, isso significa que elas elogiam, elas galanteiam, e, às vezes a gente que é esposa, já não consegue ver nada que seja digno de um elogio. Meu esposo já era um homem de ego fragilizado, por conta da minha traição, que de fato ele nunca perdeu; no fundo ele vivia, ano após ano, com aquela raiz de amargura em seu peito, e isso gerou o pecado de adultério, que gerou a morte. Eu sou 100% consciente de que o convite para a adúltera entrar na vida de meu esposo veio através de minhas atitudes erradas, com o cristianismo frio, porém quem abriu a porta foi ele.

No começo, meu esposo tentou resistir, nós já não usávamos aliança, isso se deu porque, a cada briga que tínhamos, ele jogava a aliança em meu rosto. Então, cansada de tudo isso, recolhi a minha aliança e a dele, e as guardei. Naquele dia eu lhe disse que, quando ele tivesse maturidade para entender o que aquele anel significava, a gente voltaria a usá-lo, sendo assim, embora casados, não usávamos aliança, mas hoje sei que, no momento em que a adúltera começou a dar em cima dele, ele me pediu a aliança de volta, mas eu não tinha a menor ideia do que estava acontecendo, e respondia que ele ainda não estava pronto para voltar a usá-la.

Meu esposo me deixava na faculdade todas as quartas-feiras e o que eu havia imposto era que ele ficasse em casa com os meninos, inclusive para fazer a jantar para eles. Isso funcionou por pouco tempo, pois, neste período em que eu estava na faculdade, ele se manteve fora de casa; procurava chegar cinco minutos antes de mim, para disfarçar, e por fim, chegava era depois mesmo. Ele começou a ficar estranho, distante, nossa vida sexual, que sempre foi ativa, começou a já não existir, se eu não forçasse muito a barra não rolava nada. Um dia ele veio com uma história de que ele havia perdido a sensibilidade em seu pênis, e que, por mais que eu me esforçasse, ele não sentia absolutamente nada, eu me senti um lixo, extremamente humilhada, e ele começou a dizer que não era nada comigo, que era um problema dele. Então eu marquei um urologista, e ele se recusou a comparecer à consulta. Pela primeira vez, eu comecei a desconfiar de que estava sendo traída; na verdade, eu sei que ele já havia me traído outras vezes, assim que eu havia contado da traição, embora ele passou a negar depois; dizendo que tinha falado aquilo só para me humilhar. Entretanto, naquele período, ele chegava bêbado em casa e dizia que estava com outra mulher; chegou a me mostrar foto de uma mulher, mas agora era diferente, ele não estava fazendo nada no impulso de raiva, era algo de caso pensado, ele me evitava, enrolava até que eu adormecesse antes de ir para a cama.

Uma noite, ele estava chorando, mas, quando lhe perguntei, não quis falar. Outra vez achei em seu bolso um bilhete, parecia um bilhete de amor extremamente apaixonado, com a letra dele, então ele começou a dizer que eu estava neurótica e que aquilo era só uma letra de música. Eu lhe perguntei para quem ele estava escrevendo

uma letra de música tão romântica, porém ele desconversou e não falou nada.

Fez questão de comprar um celular moderno e começou a ter, diariamente, todas as mensagens apagadas. Ele começou a chegar em casa tarde, muito tarde, mas não estava bêbado, e ele dizia que estava deixando de beber, que tinha ficado com os amigos, batendo papo e que só havia tomado um refrigerante.

Nesse tempo, ele trabalhava viajando, um dia, voltando de viagem, foi me buscar no serviço, já veio gritando que eu não devia encher o saco dele, porque ele iria até o bar tomar uma cerveja com os amigos, tentei argumentar que eu estava com saudades, se ele não poderia ficar comigo um pouco e ir ver os amigos no outro dia, mas a coisa virou um briga daquelas, agora ele me tratava aos gritos, me humilhava por estar gorda, tudo era motivo de críticas. O irônico é que tem homem que ele mesmo se entrega, às vezes ele brigava comigo e dizia que seria pai de uma menina comigo ou sem mim. Nosso plano era adotarmos uma menina; então eu falava que, quando eu terminasse a faculdade, iríamos iniciar o processo de adoção, mas, na verdade, ele estava falando da filha da amante, cuja filha tinha, na época, apenas dois anos.

Era o ano de 2011, moro na Região Serrana do Rio de Janeiro, em Nova Friburgo e o ano havia começado com uma grande tragédia climática, que vitimou muitas famílias, mal sabia eu que uma tragédia maior estava para desabar em meu lar.

Era o último período da faculdade, embora não tenhamos sido diretamente atingidos pela tragédia, em janeiro foi um tempo de muita apreensão, e muitas vezes meu esposo me deixava sozinha em nossa casa, que estava com várias pessoas, pois tínhamos abrigado muita gente, inclusive a minha sogra, seu ex-companheiro, meu cunhado, sua esposa e seu filho, pois suas casas eram em área de risco, e, ainda assim, meu marido desaparecia, dizia que tinha ido ver se um amigo ou outro estava bem.

Depois da tragédia, meu esposo começou a ficar muito depressivo. Eu só conseguia me lembrar do sufoco que eu havia enfrentado com ele anteriormente em depressão, minhas palavras foram duras: “nem vem, deixa de ser frouxo, você não sofreu nada, graças a Deus; não perdemos ninguém muito próximo, têm pessoas que perderam

todos os parentes, então nem vem querer entrar em depressão por isso”. Agora, imagine... a adúltera já estava na jogada, e é claro que ela não o tratou assim... e, a cada dia, ele ficava mais distante.

Comecei a estranhar alguns comportamentos nele, ele começou a querer se vestir melhor, passou a querer comprar suas próprias roupas, estávamos juntos há dezesseis anos e eu, que comprava tudo para ele, estranhei por que ele começou a fazer questão de tipo de cueca, mas ainda não queria acreditar em uma traição, porque eu tinha para mim que meu marido me amava e ponto, e como ele sempre me acusava de não amá-lo, já que havia me relacionado com outra pessoa, então eu pensava: “ele me ama, então nunca irá me trair”, mas eu estava muito enganada.

Durante o mês de maio, ele começou a tocar em um assunto muito estranho, ele dizia que precisávamos de um tempo, que não tínhamos que nos separar, mas que precisava de um tempo, que precisava acertar algumas coisas, que não estávamos terminando, que a gente iria voltar, mas, assim como eu havia feito uma vez, pois fiquei três meses fora, ele também iria sair por um tempo, para colocar a cabeça no lugar. Daí para frente, ele passou a fazer da minha vida um inferno; todo o sábado ficava fora de casa, ele saía cedo, dizendo que iria ao mercado fazer compras, e, quase quatro horas depois, chegava em casa com uma, ou no máximo, duas bolsas; antes ele ia ao mercado com a gente, mas começou a ir sozinho, e reclamava de cada centavo que gastasse com a gente, passou a ser briguento, ele gritava tanto comigo, porém eu continuava sem saber o que estava acontecendo.

Não fazia mais nada em família; não saíamos mais nem para dar uma volta na rua de casa, mas eu estava no último período da faculdade; preparando meu TCC, então nem questionava isso, entretanto eu percebia que ele nem pensava em chamar os meninos, simplesmente entrava no carro, e falava que iria dar uma volta.



**Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda**

21 2236-0844
www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

2019